

A Necessidade da Santificação: Uma Breve Refutação da Heresia do Cristão Carnal

Brian Schwertley

Tradução: Marcelo Herberts

Durante a sua história, a igreja tem sido contaminada por dois ensinamentos heréticos sobre a santificação. Um desses erros confunde justificação com santificação e assim faz a salvação dependente da fé em Cristo e das boas obras. Essa é a heresia do legalismo. Este ensino é encontrado de diferentes formas ao longo da história da igreja: os Judaizantes dos dias de Paulo, os Ebionitas, vários pais da igreja, o Catolicismo Romano, certos grupos anabatistas e vários cultos modernos. A outra principal heresia com respeito à santificação divorcia por completo a santificação da justificação de modo que a necessidade de santificação na vida cristã é completamente desconsiderada. A santificação é assumida como opcional aos crentes. Essa é a heresia do antinomianismo. Antigamente o antinomianismo era representado pelo Gnosticismo Nicolaíta. A forma moderna que contamina o “evangelicalismo” é o dispensacionalismo.

O dispensacionalismo clássico ensina que o arrependimento pertence à “dispensação da lei” e não à “dispensação da graça”. Dispensacionalistas conservadores argumentarão que se o arrependimento e a santificação são exigidos do cristão, a salvação não é pela fé em Cristo somente, mas também pelas obras. Por essa perspectiva, cristãos professos que negam submissão a Cristo como Senhor e se negam a levar vidas caracterizadas pela obediência e santidade são chamados de “cristãos carnis”. Esse ensino herético tem sido chamado de “fideísmo fácil” e “a heresia do cristão carnal”. Lamentavelmente, tal ensino tem conduzido milhares de pobres almas ladeira abaixo pelo caminho largo que leva à destruição. Muitas igrejas estão cheias de antinomianos, professores do Cristianismo não-regenerados que meramente pensam em Cristo como uma saída de emergência do inferno – que almejam as bênçãos do céu, mas são relutantes em apartar-se dos prazeres pecaminosos deste mundo. Em vista da corrente popularidade de tal ensino é oportuna uma consideração da necessidade da santificação. Primeiro, no entanto, deve ser notado que embora a Bíblia ensine a necessidade da santidade pessoal ou santificação na vida de um crente, ela nunca confere à santidade pessoal um papel meritório na salvação. A santificação não é necessária para uma pessoa ser salva mas todos que são salvos serão santificados. Em outras palavras, fé sem obras é morta. É uma falsificação. Cristo salva o seu povo da culpa do pecado e do seu poder.

1. A primeira e mais importante razão para os cristãos serem santos é que Deus é santo. Ambos os testamentos ensinam que a ordem para a santidade pessoal está fundamentada na natureza santa de Deus. “Pois eu sou o SENHOR, o Deus de vocês; consagrem-se e sejam santos, porque eu sou santo... Eu sou o SENHOR que os tirei da terra do Egito para ser o seu Deus; por isso, sejam santos, porque eu sou santo” (Lv 11:44-45; cf. 19:2; 20:7, 26; Ex 19:6; Nm 15:40; Dt 23:14). “Mas, assim como é santo aquele que os chamou, sejam santos vocês também em tudo o que fizerem, pois está escrito: ‘Sejam santos, porque eu sou santo’” (1 Pe 1:15-16). Note que a santidade de Deus é o fundamento para a vida santa. “É a santidade de Deus que é fundamental para os seus mandamentos. E uma vez que isso é verdade, aqueles que guardam os Seus

mandamentos tornam-se santos como Ele”. [1] Como filhos por adoção, imitaremos a perfeição ética do nosso Pai. “Todo aquele que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, assim como ele é puro” (1 Jo 3:3). Jesus resumiu o seu ensino sobre a ética bíblica no sermão do monte com a declaração: “Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês” (Mt 5:48).

A Bíblia enfatiza a santidade do Senhor sobre todos os demais atributos. Uma vez que alguém entenda a santidade de Deus vai entender a necessidade da santidade na comunhão do pacto. A santidade de Deus refere-se primariamente a duas coisas, ambas intimamente relacionadas. Primeiro, a santidade de Jeová refere-se a Sua unicidade. Deus é absolutamente distinto de qualquer coisa criada. Deus é infinitamente majestoso e exaltado sobre a criação finita. “Com quem vocês compararão Deus? Como poderão representá-lo?” (Is 40:18; cf. 45:5; Dt 4:35, 39). Segundo, Jeová é infinitamente puro. Deus é perfeito do ponto de vista moral ou ético. Se alguém deseja saber o que é bom, precisa descobrir a partir de Deus pois Ele é o fundamento para a moralidade. “A luz brilha nas trevas, e as trevas não a derrotaram” (Jo 1:5). Não há nada mau, perverso ou antiético na natureza de Deus. Ele é perfeito. A Bíblia contrasta a unicidade e a perfeição ética de Jeová com as deidades imorais e arbitrarias do paganismo. “Quem entre os deuses é semelhante a ti, SENHOR? Quem é semelhante a ti? Majestoso em santidade...?” (Ex 15:11) Porque Jeová é ético, completamente único e separado dos deuses pagãos, Ele requer do Seu povo que seja santificado e éticamente apartado do proceder pagão, de toda a forma de mal. Cada aspecto da postura cristã deve refletir sua relação com Deus. Crentes não devem se conformar ao mundo. “Como disse Deus: ‘Habitaré com eles e entre eles andarei; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo’ Portanto, ‘saíam do meio deles e separem-se’, diz o Senhor. ‘Não toquem em coisas impuras, e eu os receberei’, ‘e lhes serei Pai, e vocês serão meus filhos e minhas filhas’, diz o Senhor todo-poderoso” (2 Co 6:16-18). A santidade de Deus é a perfeição e a coroa de todos os seus atributos. Portanto, os anjos no céu proclamam: “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos, a terra inteira está cheia da sua glória” (Is 6:3; cf. Ap 4:8). Alegar que os cristãos não são exortados a serem santos é uma rejeição implícita do mais exaltado dos atributos de Deus, sua santidade.

Quando cristãos compreendem a santidade de Deus entendem Seu ódio pelo mal. Jeová inevitavelmente odeia o pecado com um ódio perfeito; todo o seu Ser reage contra ele. “Teus olhos são tão puros que não suportam ver o mal” (Hc 1:13). “Tu não és um Deus que tenha prazer na injustiça; contigo o mal não pode habitar. Os arrogantes não são aceitos a tua presença; odeias todos os que praticam o mal” (Sl 5:4-5). Cristãos professos não seriam tão facilmente ludibriados por heresias antinomianas se fossem instruídos acerca da verdade do ódio santo de Deus pelo pecado e por todas as obras de iniquidade. Deus odeia todos os que praticam o mal (Sl 5:5) e manifesta cada dia o seu furor (Sl 7:11). A idéia que Deus enviou Cristo ao mundo para remover a culpa dos pecados das pessoas tal que assim pudessem continuar levando vidas pecaminosas, e poderiam “folgar nos pecados e ainda terem remissão” é um insulto à santidade de Deus. Quando Paulo faz a pergunta retórica: “Continuaremos pecando para que a graça aumente?” (Rm 6:1), ele responde com um enfático “De maneira nenhuma!”. “Portanto, já que estamos recebendo um Reino inabalável, sejamos agradecidos e, assim, adoremos a Deus de modo aceitável, com reverência e temor, pois o nosso ‘Deus é fogo consumidor!’” (Hb 12:28-29).

2. A segunda razão porque se requer dos cristãos que sejam santos é que Jesus Cristo é Salvador e Senhor. A heresia do cristão carnal fia-se na idéia que as pessoas podem aceitar Cristo como Salvador, ao mesmo tempo rejeitando-no como Senhor. É dito às pessoas que elas podem receber somente parte de Cristo (como se Ele fosse uma torta)

e que podem continuar vivendo em pecado. Então quando elas decidem tornar-se realmente espirituais, podem “deixá-Lo ser Senhor”. Pode Cristo ser recebido gradativamente? A Bíblia ensina que as pessoas podem lambiscar e escolher confiar somente em parte de Jesus e ainda assim serem salvas? Esse ensino é antibíblico e ridículo. Uma pessoa deve crer em Cristo tal como Ele é revelado nas Escrituras. Precisa crer na obra expiatória de Jesus (Sua humilhação, sofrimento e morte sacrificial) bem como em Sua ressurreição. Cristo, o Salvador vitorioso, ascendeu e está assentado à direita de Deus Pai. A humilhação do nosso Senhor é o fundamento da Sua exaltação. Então, durante a exaltação, Jesus, pelo Espírito Santo, dedica a cruz a pessoas de todas as nações. Sua humilhação e exaltação são organicamente conectadas e não podem ser separadas. Assim, escreve Paulo: “Porque nenhum de nós vive para si, e nenhum morre para si. Porque, se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. De sorte que, ou vivamos ou morramos, somos do Senhor. Porque foi para isto que morreu Cristo, e ressurgiu, e tornou a viver, para ser Senhor, tanto dos mortos, como dos vivos” (Rm 14:7-9). Um Cristo que não é Rei e Senhor sobre tudo é um Cristo falso, uma ficção produzida pela imaginação de alguém. A heresia do cristão carnal é uma negação implícita da necessidade e do poder da ressurreição de Cristo.

Tendo em vista a importância que as Escrituras dão à ressurreição e ao senhorio de Cristo, não deve ser surpreendente que o senhorio de Jesus era um ingrediente essencial na pregação apostólica. A mensagem dos apóstolos era “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo” (At 16:31). Paulo disse “Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor” (2 Co 4:5). No livro de Atos o termo “salvador” aparece somente duas vezes (5:31; 13:23), ao passo que o título “Senhor” ocorre 92 vezes. As passagens mais comumente citadas do Antigo Testamento no Novo Testamento são Sl 110:1 e Sl 2:7, ambas referindo-se à exaltação e ao senhorio de Cristo. Paulo diz que os cristãos confessam com suas bocas “ao Senhor Jesus” (Rm 10:9). Pode uma pessoa honestamente dizer “Jesus é meu Senhor” quando recusa submeter-se ao Seu senhorio, vivendo em franca rebelião aos preceitos do reino? Reisinger escreve, “Como, em nome de Jesus, chegamos ao ponto de mercadejar a Jesus como uma espécie de apólice de seguro contra o Inferno, quando a Bíblia o proclamou Senhor e o exaltou para um trono? Os pregadores do Novo Testamento pregaram Seu senhorio, e pecadores receberam-no como Senhor. Não há um só exemplo de Cristo sendo oferecido de alguma outra forma... O evangelismo centrado em Deus proclama a mensagem bíblica do senhorio de Cristo como a primeira, não como uma segunda obra da graça, ou um ato de consagração opcional a ser considerado posteriormente”. [2] Cristãos genuínos recebem a Cristo como profeta, sacerdote e rei; e, como rei, Jesus governa sobre nós e subjuga o pecado em nossas vidas.

3. A Bíblia contém muitos imperativos que requerem obediência e santidade do povo de Deus. Jeová disse a Abraão, “Eu sou o Deus Todo-Poderoso, anda em minha presença e sê perfeito” (Gn 17:1). Os israelitas foram repetidamente conclamados a “serem santos, porque eu sou Santo” (Lv 11:44). O povo do pacto foi informado por Deus a obedecer, seguir e guardar todos os preceitos de Deus. Pessoas debaixo do Antigo Testamento foram salvas unicamente pela graça. No entanto, foram salvas para ser uma nação santa. A entrega da lei a Israel no Sinai se deu após sua libertação da escravidão no Egito. A lei moral foi entregue não para salvar um povo, mas para um povo já salvo. Deus salvou Israel tal que este o amaria, serviria e glorificaria através de um viver e louvor segundo os Seus estatutos. Quando Israel firmou o pacto com Deus, ele disse “Tudo o que o SENHOR tem falado faremos, e obedeceremos” (Ex 24:7).

A exigência da santidade e da obediência à palavra de Deus não é algo somente para a nação de Israel ou somente para uma dispensação constituída. É também o dever de todo e qualquer crente situado dentro de um novo pacto. Um dos propósitos principais do ministério de Cristo através de Paulo foi “fazer obedientes os gentios” (Rm 15:18). Paulo recebeu seu apostolado “por obediência a tudo” (2 Co 2:9). Em sua primeira carta a Corinto, Paulo lembrou os irmãos da importância e da necessidade de guardar a lei moral. “A circuncisão é nada e a incircuncisão nada é, mas, sim, a observância dos mandamentos de Deus” (1 Co 7:19). Piedade pessoal era de alta prioridade no entender de Paulo. Assim, ele instruiu a Timóteo “Porque o exercício corporal para pouco aproveita, mas a piedade para tudo é proveitosa, tendo a promessa da vida presente e da que há de vir” (1 Tm 4:8). Paulo diz que as pessoas são salvas a fim de fazerem boas obras. “Porque somos feita sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas” (Ef 2:10). Pedro concorda, “Aos estrangeiros dispersos... eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo” (1 Pe 1:1-2). Paulo diz que a santificação é essencial se alguém serve a Jesus Cristo. “De sorte que, se alguém se purificar destas coisas, será vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor, e preparado para toda a boa obra” (2 Tm 2:21). Portanto, “qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade” (2 Tm 2:19).

Uma das passagens mais claras da necessidade absoluta de santidade é Hebreus 12:14: “Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor”. “No texto grego paz é feminino; santificação, ou o processo de tornar-se santo, é masculino; o pronome relativo é masculino singular; portanto, o versículo diz que nenhum homem pode ver o Senhor sem passar pelo processo de tornar-se santo”. [3] O termo grego para “seguir” (KJV) † ou “perseguir” indica uma procura diligente ou um esforço dedicado.

A santidade mencionada nessa passagem não se refere a uma santidade imputada, pois: (a) a audiência consistia de cristãos professos que se supunha já terem sido justificados; e (b) o verbo seguir (que é presente ativo imperativo) indica uma busca vigorosa contínua. Essa busca contínua é inconsistente com a justificação, que é um evento instantâneo passado. Além disso, o autor de Hebreus não está dizendo “corra atrás da santidade como uma causa meritória da salvação”, pois a Bíblia ensina que: (a) a vida eterna é a dádiva gratuita de Deus a pecadores imerecidos (Rm 3:24; 4:5; 1 Jo 5:11); (b) todas as nossas boas obras estão maculadas pelo pecado e são não-meritórias (Lc 10:17); (c) salvação é pela graça e não pelas obras (Gl 2:16).

Essa passagem ensina que aqueles que são justificados são progressivamente tornados santos (subjetivamente) a fim de serem preparados para chegar à presença do Senhor. John Brown escreve: “Sem uma devoção sincera e habitual a Deus por meio de Cristo Jesus, nós nunca poderemos alcançar a felicidade celestial; e isso, por duas razões: (1) tal é a imutável decisão de Deus; e (2) essa decisão imutável de Deus não é um arranjo arbitrário, mas corresponde à natureza das coisas. Uma pessoa não-santificada, não-devotada a Deus, é inteiramente imprópria para gozos celestiais”; (4) Sem santidade ninguém irá chegar à presença de Deus. Uma pessoa pode ser ortodoxa na doutrina, diligente no auxílio ao pobre, perfeita no comparecimento à igreja e zelosa no testemunho ao próximo. No entanto, sem santidade pessoal, essa pessoa é espiritualmente morta e destinada ao inferno. “Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos em trevas, mentimos, e não praticamos a verdade” (1 Jo 1:6). Talvez não haja pensamento íntimo no homem que seja mais tolo e pernicioso do que a idéia de que uma pessoa que não foi purificada, santificada ou tornada santa em sua vida

† *King James Version.*

após professar a Cristo, seja trazida, após a morte, na presença do próprio Deus para gozar Suas infinitas perfeições. Uma pessoa que não foi tornada santa não vai desfrutar Deus. Olhar para a face da santidade infinita não será uma recompensa para tal pessoa. Embora seja verdade que cristãos são ainda pecadores até que sejam aperfeiçoados na morte, a santificação inicia na terra no momento em que uma pessoa nasce de novo. Jeová que é o Deus da vida não irá aceitar membros mortos no Seu reino eterno.

O que o autor de Hebreus estabeleceu negativamente, Cristo (no sermão do monte) estabeleceu positivamente: “Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus” (Mt 5:8). Assim, Jesus advertiu seus seguidores: “Nem todo o que me diz: ‘Senhor, Senhor!’ entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7:21). Àqueles que se recusam a se arrepender e obedecer à palavra de Deus, Ele irá declarar: “Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade” (Mt 7:23)! Aos impuros não é permitida a entrada na cidade da gloriosa presença de Deus, “e não entrará nela coisa alguma que contamine, e cometa abominação e mentira; mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro” (Ap 21:27; cf. 22:15). Um Deus três vezes santo que não pode olhar a iniquidade e que odeia todas as obras da iniquidade não terá sociedade com pessoas que não estão andando pelo Espírito. Você está andando em conformidade com a palavra santa de Deus ou está andando na carne? Você está servindo a Cristo de todo o seu coração ou está servindo aos seus próprios apetites pecaminosos? “Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção; mas o que semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna” (Gl 6:7-8). “Porque não nos chamou Deus para a imundícia, mas para a santificação” (1 Ts 4:7).

4. A noção de que a santidade é opcional para os crentes é refutada pelo ensino bíblico do arrependimento. Arrependimento nunca é apresentado nas Escrituras como opcional ou somente para Israel, mas como um elemento vital da mensagem do evangelho. “E em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém” (Lucas 24:47). Cristo enfatizou o arrependimento em Sua pregação (Mt 4:17; Mc 1:14,15). Ele advertiu os seus discípulos, dizendo “se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis” (Lc 13:5). João Batista (o precursor de Jesus) enfatizou a necessidade do arrependimento (Mc 1:4; Lc 3:7-9). Ele disse aos fariseus e saduceus, “Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento; E não presumais, de vós mesmos, dizendo: ‘Temos por pai a Abraão’; porque eu vos digo que, mesmo destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão. E também agora está posto o machado à raiz das árvores; toda a árvore, pois, que não produz bom fruto, é cortada e lançada no fogo” (Mt 3:7-10). Àqueles que rejeitam a necessidade da santidade frequentemente argumentarão que o arrependimento é uma doutrina judaica que não se aplica à igreja (que eles erroneamente declaram ser um parêntese nos planos de Deus). Esse ensino é refutado pelo próprio apóstolo Paulo. Paulo disse, “Como nada, que útil seja, deixei de vos anunciar, e ensinar publicamente e pelas casas, testificando, tanto aos judeus como aos gregos, a conversão a Deus, e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo” (At 20:20-21). Aos atenienses gregos, Paulo disse que “Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, e em todo o lugar, que se arrependam” (At 17:30).

Arrependimento significa que uma pessoa mudou a sua mente com relação a Deus, a Cristo, a si mesmo e ao pecado. Uma pessoa que se arrepende entende que Jeová é verdadeiramente o único Deus. Ele é um Deus de retidão e santidade que não vai tolerar o mal. Uma pessoa que se arrepende não é mais hostil ou indiferente a Cristo, mas agora crê nele segundo as Escrituras. Ela considera Jesus como a pérola de grande

valor (Mt 13:46), tal como alguém que deve ser estimado, servido e adorado a qualquer custo. Uma pessoa que se arrepende enxerga o pecado como sendo extraordinariamente depravado. O pecado não é mais visto como algo trivial, mas como algo que é perverso e que corrompe; um ato de rebelião ao trono de Deus. Arrependimento é uma mudança íntima da mente que leva a uma mudança da vida. Uma pessoa que sinceramente se arrepende leva uma vida piedosa; isto é, produz frutos dignos de arrependimento. Arrependimento não salva ninguém. Ou seja, é não-meritório e não elimina a culpa do pecado (somente a morte expiatória de Cristo pode fazer isso). No entanto, a fé genuína e o arrependimento sincero são os frutos da regeneração. Um cristão genuíno não pode existir sem essas coisas. “Onde quer que exista fé genuína, há também arrependimento real. Trata-se de dois aspectos do mesmo volver – um volver do pecado em direção a Deus”. [5] Assim como ninguém é salvo sem o instrumento da fé que se firma em Cristo, ninguém é salvo sem uma mudança da mente em relação a Cristo e ao pecado. Além disso, assim como uma pessoa deve olhar para a sua vida para saber se possui fé genuína (1 Jo 1:6; 2:3,4; 3:10; Tg 2:14-16), ela deve também olhar para os frutos do arrependimento para saber se o arrependimento sincero ocorreu (Mt 3:8; 7:16-20). Você tem uma tristeza piedosa [que] “opera arrependimento para a salvação” (2 Co 7:10)? Você está em Cristo por amor a Ele e odeia continuamente o seu pecado, livrando-se dos seus maus hábitos e então sendo diligente na renovação da obediência?

5. A Bíblia ensina que os cristãos foram comprados por um preço – o sangue precioso do Filho de Deus. Portanto, crentes não são de si mesmos, mas pertencem a Jesus Cristo. Paulo disse que “ou vivamos ou morramos, somos do Senhor” (Rm 14:8). Ele instruiu os coríntios a parar de pecar com seus corpos, pois Cristo os comprou. “Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus” (1 Co 6:19-20). Se uma pessoa é cristã, pertence a Cristo e deve servi-Lo com o seu corpo e alma em todos os aspectos da sua vida. “Porque assim é a vontade de Deus, que, fazendo bem, tapeis a boca à ignorância dos homens insensatos; Como livres, e não tendo a liberdade por cobertura da malícia, mas como servos de Deus” (1 Pe 2:15-16). O cristão professante não tem a opção de servir ao pecado e a si mesmo. “Não sabeis vós que a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedeceis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?” (Rm 6:16). Você é escravo de Cristo ou escravo do pecado, de si mesmo ou de Satanás? Você não pode servir a dois mestres. Não existe neutralidade no universo de Deus. Se você não está vivendo para Cristo, está vivendo contra Ele. Paulo relaciona a morte de Cristo com o Seu domínio sobre os crentes de forma tal que torna impossível a idéia de que uma pessoa possa beneficiar-se do sacrifício de Cristo ao mesmo tempo rejeitando a Sua realeza.

6. As Escrituras ensinam que as pessoas que habitualmente se entregam ao comportamento pecaminoso não são cristãs. “Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus. E é o que alguns têm sido; mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito do nosso Deus” (1 Co 6:9-11). Paulo diz “e é o que alguns têm sido [tempo passado]”; Muitas pessoas nas igrejas de Corinto possuíam um estilo de vida caracterizado pelo comportamento pecaminoso, mas uma vez convertidas, esse estilo de vida pecaminoso foi rejeitado. Paulo diz que os crentes não devem nem mesmo comer com cristãos professos que têm

comportamento pecaminoso. “Mas agora vos escrevi que não vos associeis com aquele que, dizendo-se irmão, for devasso, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com o tal nem ainda comais” (1 Co 5:11). Hodge escreve: “Um homem que professa ser cristão professa renunciar a todos esses pecados; se ele não age consistentemente à sua profissão, não pode ser identificado como cristão. Nós não devemos fazer qualquer coisa que possa sancionar a suposição de que as ofensas aqui referidas são toleradas pelo evangelho”. [6] Spurgeon concorda, “Se o converso professo evidente e deliberadamente declara conhecer a vontade de Deus, mas não se dispõe a observá-la, você não deve afagar as suas pressuposições, mas é seu dever assegurá-lo de que ele não é salvo. Não julgue que o Evangelho é expandido ou que Deus é glorificado por você sair pelo mundo... dizendo às pessoas que elas podem ser salvas neste exato momento simplesmente ‘aceitando a Cristo’ como seu Salvador, a despeito de estarem apegadas aos seus ídolos e seu coração ainda amar o pecado. Se eu fizer isso, estarei contando uma mentira, pervertendo o Evangelho, insultando a Cristo e transformando a graça de Deus em lascívia”. [7]

O apóstolo João repetidamente condena a idéia de que uma pessoa pode ser cristã a despeito de continuar num estilo de vida pecaminoso. Cristãos ainda têm uma natureza pecaminosa, mas ela se manifesta em atos isolados de pecado, e não de modo contínuo. “E nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos. Aquele que diz: ‘Eu conheço-o’, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade” (1 Jo 2:3-4). Um crente irá cair no pecado às vezes, mas não irá caminhar nele. O apóstolo usa verbos no tempo presente contínuo cinco vezes no capítulo três para descrever o comportamento não-cristão pecaminoso. “Qualquer que comete pecado, também comete iniquidade; porque o pecado é iniquidade” (3:4). “Qualquer que permanece nele não peca; qualquer que peca não o viu nem o conheceu” (3:6). “Quem comete o pecado é do diabo” (3:8). A pessoa que continuamente anda no pecado é sem lei, não tem uma ligação com Cristo, é do diabo e não nasceu de novo. Esse ensino é claramente incompatível com a heresia do cristão carnal.

Tiago ensina a mesma doutrina por uma perspectiva diferente quando diz “que a fé sem obras é morta” (Tg 2:20). Tiago, opondo-se aos antinomianos hipócritas, diz que a fé que não resulta em boas obras ou na obediência é uma fé morta. Não é uma fé salvadora real, mas uma mera profissão hipócrita. Fé genuína sempre resulta numa mudança de vida. Manton escreve: “Do assentimento aberto aos artigos de religião não se infere fé genuína... Bem, então não confunda iluminação despida, ou algum reconhecimento geral dos artigos de religião para a fé. Um homem pode estar certo na sua opinião e no julgamento, mas ser de vil afeição; e um cristão carnal está em tão grande perigo quanto um pagão, idólatra ou herético; pois embora seu julgamento seja razoável, suas maneiras são heterodoxas e heréticas. Crença genuína não é um ato de compreensão, tão somente, mas uma obra de ‘todo o coração’ Atos viii. 37.” [8] Assim como diz Paulo, “E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos em Espírito, andemos também em Espírito” (Gl 5:24-25).

7. A Bíblia ensina que aqueles que são justificados também são regenerados e santificados. Justificação refere-se à declaração legal de Deus baseada na imputação da retidão de Cristo e nunca deve ser confundida com regeneração e santificação, mas ainda que distintas, não podem ser dissociadas. Em outras palavras, justificação não pode ocorrer a menos que a pessoa seja regenerada; porque a fé genuína não pode existir aparte do novo nascimento. Também, todo aquele que é justificado é santificado. Regeneração é uma obra do Espírito Santo no homem que muda o seu coração (i.e., a natureza humana como um todo). A heresia do cristão carnal assevera que uma pessoa pode ser justificada e reter ao mesmo tempo a antiga natureza. Segundo as Escrituras,

isso é impossível. No entanto, (contrário ao Romanismo), a regeneração, a fé e a santificação não são fundamentos para a justificação. Eles são não-meritórios e não contribuem nem um pouco para a salvação de uma pessoa. Os méritos de Cristo somente são o fundamento. Cristo “salva o Seu povo não apenas da culpa do pecado, mas também do seu poder dominador. Se um crente não é mudado, não é um crente... Justificação com Deus está aparte do mérito das obras. Isso não significa que justificação está aparte da existência das obras”. [9]

O apóstolo Paulo ensinou que a união com Cristo na morte e na ressurreição não é apenas o fundamento da justificação, mas também da santificação. Qualquer um que partilhe dos benefícios da morte de Cristo para a salvação também precisa morrer para o pecado e caminhar em novidade de vida. “Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum! Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele? Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição; Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado. Porque aquele que está morto está justificado do pecado... E, libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça” (Rm 6:1-7,18).

Os indicativos de Romanos capítulo 6, que falam da realidade da união de um crente com Cristo em Sua morte e ressurreição, levam imediatamente aos imperativos de 6:12 e seguintes. Uma vez que no capítulo 6 os deveres de um cristão são baseados na realidade histórica (i.e., algo que é verdadeiro para todo crente), não se pode negar a necessidade da obediência sem também negar a realidade da união mística que é o fundamento da santidade pessoal. Asseverar que crentes podem ser justificados sem também serem santificados é dizer que Cristo remove a penalidade do pecado, mas não seu poder. Tal pensamento é uma negação da natureza abrangente da salvação ensinada por toda a Escritura. Marshall escreve: “A fé evangélica nos faz vir a Cristo com uma sede, para que possamos beber da água da vida, mesmo do seu Espírito santificado (Jo 7:37,38), e clamar-Lhe sinceramente que nos salve, não apenas do Inferno, mas do pecado, dizendo ‘Ensina-me a fazer a tua vontade, pois és o meu Deus. O teu Espírito é bom’ (Sl 143:10); ‘Converte-me, e converter-me-ei’ (Jr 31:18); ‘Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto’ (Sl 51:10). Essa é a forma pela qual a doutrina da salvação pela graça nos compele à santidade da vida, coagindo-nos a procurá-la mediante a fé em Cristo, como uma parte substancial daquela ‘salvação’ que nos é dada gratuitamente em Cristo”. [10]

8. A necessidade da santificação é claramente exposta no pacto da graça. [11] “Mas esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o SENHOR: Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo” (Jr 31:33). Segundo as Escrituras, tornar-se cristão não é uma mera aceitação de alguns fatos relativos a Jesus Cristo. Há uma mudança na natureza interior das pessoas conduzidas pelo próprio Deus, que as torna aptas à obediência. Matthew escreve: “A lei deve ser escrita em seus corações pelo dedo do Espírito, como formalmente havia sido escrita em tábuas de pedra. Deus escreve a sua lei nos corações de todos os crentes, torna-os aptos e familiares a ela, à mão quando estão na ocasião de usá-las, as quais estão escritas no coração, Pv iii. 3. Ele os torna diligentes em observá-la, pois que somos cuidadosos acerca do que é dito descansar próximo dos nossos corações. Ele opera neles uma disposição à obediência, uma conformidade de

pensamento e inclinação às regras da lei divina, tal como imagem do original. Isso está aqui prometido, e deve ser posto em oração, que o nosso dever seja feito conscientemente e com deleite”. [12] Calvino adiciona, “Escrever a Lei no coração implica nada menos do que está representado por isso, que a Lei deve governar ali, e que ali não deve existir afeto não conformável e não aprovável pela sua doutrina. É, portanto, suficientemente claro que ninguém pode ser movido à obediência da Lei até que seja regenerado pelo Espírito de Deus; mais ainda, que não há inclinação no homem para agir retamente, a menos que Deus predisponha seu coração pela Sua graça; numa palavra, que a doutrina da letra é sempre morta até que Deus a vivifique pelo seu Espírito”. [13]

Conclusão

A Bíblia ensina que a salvação alcançada por Jesus Cristo é abrangente. Jesus não é uma saída de emergência do Inferno ou um hedonista celestial que sai distribuindo entradas para o paraíso. Ele veio para salvar o eleito da culpa e do poder do pecado. Como Paulo diz, “Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas” (Ef 2:10). A noção de que Cristo salva homens da culpa do pecado ainda que os mantenha na condição de hipócritas pervertidos leva grande desonra ao evangelho de Deus. “Redenção seria um escárnio sem a santificação; porque o pecado em si, e não a ira exterior de Deus, é aqui a causa da miséria, e da morte eterna no futuro. Portanto, resgatar o filho caído de Adão da sua culpa, mas deixá-lo sob o poder da corrupção não seria salvação”. [14]

Ainda que a heresia do cristão carnal possa ser uma combinação perfeita com a nossa cultura hedonista, auto-centrada, relativista, materialista e que adora o homem, é um ensino blasfemo, mortal e destruidor de almas. Ela denigre a Deus por ensinar que ímpios, impenitentes e auto-idólatras têm sociedade e favor junto ao Jeová três vezes santo. Ela denigre a Cristo por ensinar que Seus méritos (i.e., Seu precioso sangue e vida) são ineficazes na mudança de corações humanos. Ela denigre o Espírito Santo por ensinar que o Espírito da santidade não pode ser efetivamente aplicado à morte expiatória de Cristo em favor dos eleitos. Ela denigre a Igreja por ensinar que ela vem à festa de casamento com vestidos sujos e aviltados. Como podem cristãos professos aderir a um ensino segundo o qual uma pessoa pode ser realmente salva sem amar a Jesus Cristo? “E nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos. Aquele que diz: ‘Eu conheço-o’, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade. Mas qualquer que guarda a sua palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado; nisto conhecemos que estamos nele” (1 Jo 2:3-5). “Se vocês Me amam, guardem os meus mandamentos” (1 Jo 14:15).

Uma vez mais precisamos enfatizar o que a necessidade da santificação não significa. Ela não significa que as boas obras de um crente favorecem a sua salvação. Segundo a Bíblia, as boas obras certamente não contribuem à salvação (cf. Rm 3:20-31). Isso não significa que os cristão sejam perfeitos ou sem pecado. Claramente não é o caso (cf. 1 Jo 1:8-10). Isso também não significa que cristãos nunca apostatam. Às vezes eles apostatam terrivelmente. No entanto, isso significa que como consequência da regeneração, da justificação e da união com Cristo, os crentes têm a escravidão ou o poder do pecado sobre vidas quebrado. Possa Deus nos capacitar a viver uma vida consistente com essa grande verdade da redenção.